

Tzatro
Musical

Do Paraíso

ao

Pindorama.

1

A criação, (e recriação) do mundo,
segundo a boca maldita.

(BN-568.987)

PRE APRESENTAÇÃO

Um Contador de Histórias surge junto à platéia e narra o texto.

Todo mundo já ouviu falar na linda história de Adão e Eva, e, conseqüentemente, no Paraíso. Muita gente já ouviu falar na emocionante história do descobrimento do Brasil. O que toda essa gente não sabe é que se trata de uma “única estória”. Só que: contada de forma diferente, com interesses diferentes.

Da forma que foi contada, ou melhor, que foram contadas, já que se separaram as duas metades de uma mesma maçã, (ou banana), como queiram, fica explícita a intenção de que o relevante era apenas a ciência à posteridade; quê, com o passar do tempo, acaba por preservar os incautos.

Que existiu, existiu. Não se está negando o fato! Muito embora, não tenha sido contada a melhor parte dos acontecimentos. Aquilo já era um babado desde que foi criado! Tanto é, que nem todo mundo conhece alguns fatos picantes; relacionados ao Paraíso, Adão, e Eva. Que perversão!

Após criar a natureza e os animais, dentre eles: a cobra; esse belo exemplo de pureza e inocência! Deus, sentindo-se entediado numa bela tarde de sexta-feira pré-Carnavalesca, para alegrar seu espírito resolveu fazer o homem através de dois bonecos de barro. E pelo visto, barro podre. Pra dar no que deu!... Adão (um bígamo), enquanto por lá viveu na vadiagem. Sexo, sombra e água fresca. (alguém conhece dois trabalhos do Adão?). E a tal da Lílith, sua primeira esposa. Que preferiu cair na gandaia e virar amante; e indefinida, adorava tanto a cobra que acabou por travesti-la. Escapando do barro, a segunda tentativa, a diva: Eva, um capricho divino. “Deu!” e no que deu... Depois do inevitável pecado os amantes foram expulsos, e assim, felizes para sempre. O que sobrou?! Deus, (coitado!), e as intermináveis noites solitárias do convívio apenas com os figurantes da criação.

Por outro lado as coisas andavam de vento em popa. Recém inaugurado, o inferno era a onda do momento. Um hiper empreendimento de extremo requinte e 100% realizado, construído ao sul da linha do equador, levando

em consideração tudo que de melhor podia-se oferecer. De entrada, as mais lindas praias instadas do sul ao norte de sua extensa costa litorânea, e diabolicamente condenadas a uma temperatura média de 40*. Calor. Muito calor! Mas... Que ainda tinham a seus pés o maravilhoso mar. Tudo isso só comparável às tentações de infinitas planícies, matas e montanhas caprichosamente arborizadas, seus rios e lagos de águas claras e cristalinas, e sua fauna livre, diversificada e colorida. Uma terra enamorada da lua e do céu mais azul, eterna refém de um sol abrasador, e dos mais deliciosos pecados do universo. (Verdadeiramente, um inferno!)

Voltando ao Paraíso, com o passar do tempo aquilo já não era tão puro como se relatou. Pensando bem, aquilo já nem era paraíso coisa nenhuma! Tudo industrializado, poluído, infestado por motoboys... E em plena campanha eleitoral gratuita, obrigatória no rádio e na TV. Uma catástrofe! E mais. O Éden “inatingível” era bem ali, pertinho! Do outro lado do Atlântico, em Portugal. De onde partiu aquela que foi tratada de “Arca de Noé”, e que nada mais foi que a Nau... (?), heroicamente conduzida por Cabral, que: se partiu com destino a alguma “Índia”, foi às índias tupiniquins que já habitavam por aqui com toda sua opulência e abundância. (Vale o duplo sentido!) E não foi em busca de iguarias coisa nenhuma. Vê lá se ia se colocar 13 embarcações mar a fora, pra buscar ramo lá do outro lado do planeta. Quem gosta de mato é coelho! Comigo não! E quem também embarcou foram, o Deus, a outra, e toda a bicharada; num verdadeiro: salvem-se quem puder. (Valei-me a Sociedade Protetora dos Animais). Aliás! Bicharada que hoje luta pelos seus direitos, faz passeatas, e viaja de primeira classe. Arca! Que arca que nada! A turma quis foi nau, muito mais sofisticado!

Dizer que ao chegar por aqui tudo se resolvera também é uma “inverdade”. Onde foram parar: Adão, Eva, e o Deus e seus assecias, que não foram citados pela nova história? História que continuou omitindo os fatos (e boatos!)

Agora é não ir para a posteridade! Não ir além de aqui mesmo! É ficar aqui e dar a outra face! As mãos à palmatória! À verdade!

O Contador de Histórias desaparece junto à platéia.

ABERTURA.

Cenário: UM TEATRO QUALQUER.

No palco: Expectativa.

Cena 1

O Narrador entra, e indo ao centro do palco faz a apresentação.

Senhoras e senhores, saudações! Desde já quero manifestar nossa gratidão por terem vindo, e mais ainda, pelo incentivo que é para nós a presença de todos vocês. Acredito não serem os presentes, conhecedores da “estória” que aqui será apresentada, mas, antes, porém, devo adverti-los de que, daqui pra frente, tudo que for encenado, dito e cantado, trata-se apenas de “teatro”, objetivando tanto o autor, como também o grupo, apenas o entretenimento; e em hipótese nenhuma, ofender, desacreditar, alterar, se inserir, ou desabonar qualquer tipo de crença, religião; e a própria história.

O que será apresentado: um suposto e fantasioso elo entre o Paraíso e o Pindorama, gerado da imaginação por uma mente quase insana, que comanda o raciocínio, o caráter, e a fala desse cronista que nasceu, cresceu, e se fez imortal desde os primeiros instantes do surgimento da humanidade: A LINGUA DO POVO! Essa ilustríssima, temida e idolatrada “ciência”, é aqui caracterizada no personagem Boca Maldita, que nada mais é que um sábio e docilmente malicioso observador dos fatos, e quem, semi-lúcido, vive todas essas eternidades, sendo, portanto, testemunha ocular, (ou não), dos acontecimentos por ele anunciados, cujas verdades, serão finalmente decifradas nas intrigantes narrativas que lhes serão proporcionadas.

Dentro deste contexto, desvendar-se á aqui o segredo desse fantástico enredo, extraindo-se das vísceras da misteriosa trama, o que jamais deveria ser revelado, ou seja: A verdade dos fatos!

Após enfatizar “ã verdade dos fatos!”, O Narrador volta à realidade, e anunciando a ele e aos demais que elegantemente vão entrando e

saudando a plateia no momento da citação de seus nomes e descrição, faz a: **APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS.**

Apresento-lhes agora os músicos: fulano de tal... O anu (Violão), sicrano de tal... A perereca (tarol), beltrano de tal... A macaca (surdo); artistas que terão ainda a especialíssima participação como: animais, anjos, e a Luzia.¹ E estará aqui: O BOCA MALDITA, representado por esse que vos fala. Personagem fictício, exímio fofoqueiro conhecedor da vida dos outros, inclusive de DEUS, o criador dos jardins do Éden e apaixonado por sua obra predileta: EVA, a santinha do polêmico Paraíso. Que linda, loira, inocente e burra, foi vítima perfeita para o homem, neste caso: o safado do ADÃO, playboy desonrador de filhas dos outros, e quem papava também a morenaça da LÍLITH, tremendo avião, e a primeira “outra” da história, que amante da gandaia adorava A COBRA. Aliás! Dessa sim, todo mundo gosta! Um sucesso de popularidade. Como também o é: O DIABO, que sorrateiramente criou o inferno, um aglomerado popular aclamado: Pindorama, futuramente reeditado por CABRAL (o confundido com Noé), num luxuosíssimo condomínio residencial destinado a corte portuguesa e a poucos, que não tiveram assim o cruel destino do povo aqui representado por: PERI, que boêmio, malando e sedutor, vivia de brisa sustentado por sua amada: CECI, uma cabrocha dotada das melhores formas, dons, e costumes; cujo casal, tema principal do romance que rendeu milhões sem ter por isso recebido um único vintém, é o fiel retrato da tradicional nação tupiniquim historicamente tão explorada.

Os apresentados vão deixando o palco enquanto O Narrador, voltando ao surto, vai de encontro ao público e adverte.

Senhoras e senhores. Esta não é uma história de ficção!
A semelhança entre ela e o que foi escrito não é mera coincidência!

A não semelhança é a incoerência. (Da escrita. É claro!).

O Narrador deixa o palco ao apagar das luzes.

ABREM-SE AS CORTINAS A*.

O

Paraíso

7

PRIMEIRO ATO

Cenário 1 – O INÍCIO DO SONHO.

Cortinas B: (véus com motivos que lembrem a criação do mundo).

No Palco: à frente delas as roupas do Boca Maldita estão jogadas ao chão.

Cena 1

Luzes nas roupas – Ao som dos acordes musicais vindos de trás do palco vem o ator que, entrando em transe enquanto canta: O ócio; vai se transformando no Boca Maldita.

Santa boca maldita. Me valha
Fofoca à surdina se espalha
Só tu enquanto fala. Trabalha
Vive a fazer amor o chefe com a secretária (bis)
Se a escrita é o fato. E não a fantasia
O ócio é pecado? O que ela diria?
O que eu quero saber seria uma heresia?
Antes do Paraíso, o que é que deus fazia?

Já caracterizado O Boca Maldita age como se esperasse da plateia uma resposta às suas perguntas.

LUZES NO CENÁRIO AO FUNDO / ABREM-SE AS CORTINAS B.

Cenário 2 - O PARAÍSO.

A macieira com um fruto verde.

No palco: O Boca Maldita (que ficara), e na cena principal Eva é observada fervorosamente por Deus; por Adão, Lílith e A Cobra; e os músicos/animais: anu, perereca e macaca posicionados ao lado.

Cena 2

O Boca Maldita inicia a fala referindo-se a Deus e mostrando o Paraíso, e ao final, majestosamente anuncia Eva ao sair do palco.

Deus encerrou sua obra com chave de ouro. Essa chave era Eva!

Lílith então, tomando o destaque de Deus que deixa a cena principal, inicia o canto dirigindo-se a Eva, apresentando-a e expressando sua inveja por ela, que, durante toda a música se mostra muito acanhada e ingênua.

Deus assinou a criação
Fazendo Eva. Um mulherão
E ele disse que ela
Foi feita do Adão. Da sua costela
Eva era tão bela
Um verdadeiro assombro
Foi feita da costela?
E se fosse do lombo?

Terminado o canto as duas saem da cena principal. Ao lado Deus está com olhos vidrados na sua mais nova criação e não se atenta para **A Cobra**, que indo ao centro do palco enquanto observa a saída das outras duas, nota sua atitude, e maliciosamente destacando a nudez da criação, fala dele se aproximando, chegando a tocá-lo, e conduzindo-o à cena principal.

Depois de tanto esforço e já no sexto dia, e contente com o que tinha acabado de construir. (O melhor sempre fica para o final). Enfim, Deus pode parar para observar e admirar toda a criação nu Paraíso, “onde todos andavam inocente e totalmente nus”. ¹

9

Sirigaitamente A Cobra volta a se juntar aos demais personagens, e na cena principal **Deus** canta anunciando o que vê: Adão, Eva, Lílith e A Cobra, e os músicos/animais tocando, adentrarem a cena num tradicional desfile.

Ta todo mundo nu. Ta todo mundo nu!

Ta todo mundo nu

A Eva, o Adão e o tatu

Ta todo mundo nu. Ta todo mundo nu!

Ta todo mundo nu

A cobra, a perereca e o anu

Olhando a criação

Gosto da Eva pelada, mas não gosto do Adão! (bis)

Encerrando a música, brincando num cordão todos vão deixando o palco, para o qual, observando maliciosamente Deus sair por último segurando Eva pela cintura, O Boca Maldita retorna e fica em cena bisbilhotando todo o local enquanto a montagem prossegue normalmente.

APAGAM-SE AS LUZES e TROCA-SE O CENÁRIO.

Cenário 3 - O CÉU. (Noite)

Uma nuvem/cama está ao lado no ambiente decorado com estrelas espalhadas também pelo chão. À luz de velas/lamparinas está ao centro uma mesa com dois copos e uma garrafa, e duas cadeiras.

No palco: O Boca Maldita. (que ficara).

Cena 3

O Boca Maldita após observar a troca do cenário, narra mostrando o céu e depois a cena que vê acontecer: Deus e Adão entrarem abraçados e, conversando cordialmente, sentarem-se à mesa e comecem a beber.

De volta para casa o senhor resolveu comemorar seu primeiro e até então único trabalho. Mas... Com ciúmes de Eva, fez isso da pior maneira possível: convidou o homem para acompanhá-lo! E desta feita, revelou-se um senhor bebum, pois corre à boca miúda (em segredo de Estado!), que o mesmo abusou demasiadamente da bebida. (Mau exemplo. Hoje os padres não conseguem rezar uma missa sem dar um trago no vinho!) E num porre memorável, Adão voltou ao Paraíso, e Deus, pisando alto, teve que ir descansar já na madrugada do sétimo dia.

Deixando a cena principal enquanto os músicos/anjos entram tocando e abismados com a bebedeira tomam seus lugares; O Boca Maldita ainda atenta-se para Adão, que, amparado por ele levanta-se com dificuldade, e cambaleando, dirige-se ao centro do palco onde canta como o bêbado que está.

To bebo, to bebo. To bebo sim!
To bebo. Só bebo eu to em mim
Se bebo. Só bebo eu to legal
Se bebo não bebo, eu passo mal... (bis)
Se não tem cachaça. Bebo vinho, então
Bebo a garrafa. Bebo o garrafão

Ao final da música, Deus, condenando toda aquela situação, muito grogue e balançando a cabeça negativamente se levanta e dirige-se para a cama. Indiferente à cena principal onde Adão, após ser novamente amparado pelo Boca Maldita que sorratamente volta a sentar-se numa das cadeiras; delatando o companheiro e ainda

muito bêbado, narra a dificuldade de Deus para se deitar; comenta seu sonho profano; anuncia a ele como um rei; e à sua suposta amada que vem entrando no palco, como sendo uma rã. – Os músicos/anjos continuam abismados.

O senhor mal conseguiu tirar as botinas para deitar, e ao cair nos braços de Morfeu ainda pensava em Eva. Seu maior triunfo! E como qualquer jovem apaixonado, sonhou ser um belo, rico, e destemido rei, (rei até que ele acertou). E que encontrara sua amada. Um divino: sonho de fadas. Lindo! Que tal: O rei e a rã?

À cena agora mostra a representação do tal sonho. Eva entra e ao cruzar com Adão retruca-o: “Rã é a vovozinha!”, e vai levantar Deus; para deleite do Boca Maldita que em êxtase assiste a tudo sentado em sua cadeira. **Adão, Deus, e Eva** indo a cena principal cantam parodiando a letra da música.

Adão – **O rei catita olhou para a pudica e disse:**

Deus – **Vou te conhecer!**

Adão – **A pudica olhando rei catita pergunta:**

Eva – **Quem é você?**

Deus – **Eu sou catita, pudica. E sou um rei!**

Adão – **E a pudica disse:**

Eva – **Eu sei! Eu sei! Eu sei!**

Deus – **Essa pudica quer o rei catita ou não?**

Eva – **Se ele não for rei!**

Pois eu pudica sou. E mais pudica estou! E sempre serei.

Final da música e todos, inclusive os músicos/anjos vão deixando o palco. Com exceção do **Boca Maldita** que, sinistramente indo ao centro do palco onde permanece durante a montagem narrando à plateia e acusando Deus pela desgraça que estaria por vir; promove assim um detalhe que só terminará com a revelação do grande segredo que rege sua jornada no Paraíso.

Deus não devia ter apagado! Pois enquanto isso não muito longe daqui, “dois” personagens ainda simples figurantes aproveitariam seu descuido para agirem. Afinal: É Sábado no Paraíso!

TROCA-SE O CENÁRIO.

Cenário 4 - O PARAÍSO AC*. (Dia)

A macieira com um fruto maduro.

No palco: luzes, música. O Boca Maldita dança ao som da melodia

Cena 4

Adão, Eva, Lílith e A Cobra entram em festa cantando e brincando carnaval, seguidos pelos **músicos/animais:** anu, perereca e macaca, tocando.

É feriado no sétimo dia

Todo mundo faz o que quer

Para quebrar a monotonia

Homem com homem, mulher com mulher (bis)

Também o Deus foi deixar

Ao resolver descansar

O Paraíso ao “deus dará!” (bis)

Terminada a música, Adão e Lílith permanecem na cena principal observando Eva, ainda brincando, dar a mão à Cobra e junto com ela sentar-se ao lado do palco para conversar. E é **Lílith** que, cinicamente, completando e dando sequência à fala anterior do Boca Maldita, fingindo-se traída pela amiga: Cobra, narra apontando para as duas no canto do palco.

Um dos tais personagens foi a serpente, animal traiçoeiro e encantador, que vendo a possibilidade do estrelato ao ser procurado por Eva para um “papo de mulheres”, (fofocar), tomou conhecimento do sinistro comportamento do Adão...

Interrompendo a fala e odiando A Cobra, **Adão** completa a frase enobrecendo Lílith, que lhe retribui explicitamente o agrado.

...É! E não perdeu a oportunidade. Relatou a ela detalhadamente, tudo que sabia (e também o que não sabia), sobre Lílith, minha “ex” que fora promovida à “outra”.

Depois de ser honrosamente apresentada como “a outra”, Lílith dá a mão para Adão e juntos os dois deixam a cena. **A Cobra** então, após trazer Eva para o centro do palco, canta como se lhe revelasse um segredo. – durante todo o canto Eva age como quem não quer acreditar.

Líliith é! Do seu Adão, outra mulher
Belo par de pernas, grandes seios
Linda! Que bumbum. Belo recheio
Adão viu a Líliith passar
Fez um “fiu-fiu” pra ela, e a cobra entrou no meio
Líliith é! Do seu Adão, outra mulher
Assuntada a cobra um belo dia
Por que com Eva ela não bulia
A cobra respondeu com precisão:
Líliith é da Cobra. Eva é do Adão!

Surpresa Eva vai em direção a Adão, enquanto, sob os olhares de Líliith e dos animais **O Boca Maldita** narra tomando a cena da Cobra que vai acalmar o casal em discussão.

Feito isso, muito confiante, o réptil aproximou-se dos atores principais. Fato que alvoroçou o Paraíso, pois, todos temiam que sob o encanto da cobra, ela caísse na orgia e o deixasse em tentação.

Líliith inicia o canto enaltecendo A Cobra, depois falando pra Deus, e mostrando Eva que passa a se insinuar para Adão.

13

A Eva seduz o Adão
O Éden é a maior confusão
A cobra diz: “-Tudo vai melhorar”.
“Vou por as coisas no seu lugar!”

Deus. Não vá se zangar
É a evolução. Pode deixar
A criação! Como ela é?
É uns de quatro, os outros de pé!

A humanidade pode esperar
Deixa a cobra no comando. Deixa a Eva namorar (bis)

Com o casal já apaziguado e louco para pecar, **A Cobra** vibrando de felicidade se junta à amiga Líliith e profetiza seus planos.

Não deu outra! Com tudo arranjado para que os dois iniciassem o povoamento do mundo. Afinal, era minha vontade assim passar para a história como a criadora da humanidade. Eu compus a sinfonia e a regi perfeitamente.
Tudo isso: antes da maçã.

Após o destaque com certa premonição no final de sua fala, as amigas: **Cobra e Lílith** cantam brincando: primeiro com o casal e com os músicos /animais. No segundo verso, ovacionando a cobra.

Antes da maçã no Paraíso

Homem com homem, mulher com mulher

Pra bicharada, que não tem preconceito

Foi pato com jacaré. (Como é que é?) (bis)

A cobra apareceu

Sacana como ela é

E declarou: mulher com homem

E homem só com mulher. (Não vai dar pé!).

Fim do o canto. As duas amigas após se parabenizarem, deixam o palco para **O Boca Maldita** que narra mostrando a cena ao fundo; na qual, dengosa e sensualmente Eva colhe a maçã, lambe-a sedutoramente e a entrega para Adão, que morde a fruta, puxa Eva para si e a agarra num beijo inesperado.

Eles sucumbiram! Sob o domínio do malicioso animal, Eva oferece para Adão a fruta proibida, e este, sem pestanejar, (já estava mesmo entre a cruz e a espada!), num instante de puro ímpeto e ardor, deflora-a, sem imaginar as consequências de seu ato, cometendo assim, o pecado original.

Sincronizados com o final da fala, luzes, raios e trovões. Nisso, O Boca Maldita deixa o palco, e ovacionada por **Lílith** que inicia seu canto, A Cobra ri sarcasticamente enquanto todos, inclusive os músicos/animais que também são convidados por ela, dançam em festa. – O Paraíso é um animadíssimo e libidinoso baile de carnaval.

Havia uma fruta no pomar

Adão não deveria petiscar

Mas ele sem compromisso

Fez cafuné na Eva e provou o tal feitiço

Passado o bacanal

Surgiu o Carnaval

Deus pra castigar o que ele fez

Mandou botar o homem como a bola da vez

Adão pegou a Eva. Eu to roendo o osso

A cobra é minha sogra enrolada no pescoço (bis)

Findada a folia, breu total. E no escuro todos se mostram apavorados. Narrando **O Boca Maldita** retorna com uma tocha acesa e trazendo Deus, que se espreguiçando e muito nervoso, vai logo dando um pito em todos que se amontoam temendo sua ira. – Na hora que A Cobra é citada, Adão, Eva e Lílith, imediatamente apontam para ela que se sente realizada.

Com tanto alvoroço no Paraíso Deus acaba por acordar de seu sono divino. E ao tomar conhecimento de que a Inês é morta, interroga a todos, que são unânimes em acusar **A Cobra** como a responsável pela tragédia, para a qual, ele promete enérgicos castigos.

Agindo como ratos os músicos/animais voltam a seus postos enquanto O Boca Maldita, temendo os castigos que estariam por vir, foge do palco. **Todos Cantam. Música e luzes** – todo mundo na farrá cantando e girando em torno da cobra enquanto Deus com as mãos na cabeça mostra-se desolado.

**A cobra quem fez a festa
No Paraíso. E na floresta
A cobra é pop demais
Quem não conhece a cobra
Não sabe o que ela faz (bis)**

Findando a música Deus sai empurrando Eva e Adão para fora do palco, e enquanto Lílith e A Cobra ficam em cena se congratulando sob os olhares dos músicos/animais, **TROCA-SE O CENÁRIO.**

Cenário 5 - O PARAÍSO DC*.

A maçieira cheia de frutos maduros e anúncios eróticos.

No palco: Lílith, A Cobra, e os músicos/animais, aguardam ansiosos.

Cena 5

O Boca Maldita entra narrando e zombando maliciosamente das atitudes de Deus que o acompanha, e ao fim acusa-o com veemência. Então, desafiando seu delator que vai deixando a cena, antes de acompanhá-lo Deus dá sinal para a entrada de Eva.

Deus então chamou os amantes e tentando tapar o sol com a peneira, vestiu-os com as folhas, cujos trajes: O dela - nada menos que um biquíni atrevido,

carinhosamente confeccionado por ele com os mais tenros brotinhos de folhas de parreira. Tarado! Tava faltando é uma enxada no Paraíso!

Líliith inicia o canto enquanto Eva entra de biquíni, e aplaudida, abraça e dá beijinhos na cobra que passa a colher e oferecer as maçãs ao público, e beijinhos também em Deus que fica todo acanhado.

Depois da maçã devorada

Onde passava um boi, passa uma boiada (bis)

Adão provou a maçã

Eva à banana comeu

A cobra sapeca se escondeu

Tirou-se o couro dela, e a roupa nasceu (bis)

Eva era amiga da cobra

Adão da cobra era amigo

Deus que biquíni atrevido

As folhas de parreira lá do Paraíso (bis)

Com ciúmes do biquíni **A Cobra** volta à cena congratulando-se com a fala anterior do Boca Maldita. Deus então dá o sinal e observa com desprezo Adão entrar de costas negando-se a ficar de frente.

E o dele. Improvisado ao desdém! E até hoje tão contestado em virtude da polêmica sobre a procedência da folha utilizada, que acabou por deixá-lo, literalmente: peladão. (Eu queria só ver, se fosse a Eva!).

Eva ao ser citada, desprezando A Cobra vai até Adão que, obrigado por ela, vira-se e revela seu traje: Uma folha de bananeira. **Eva** canta enquanto Líliith e A Cobra dançam em torno dele que faz um strip-tease – Durante o canto Deus fica debochando de Adão.

Folha de parreira?

Não é verdade. Isso é besteira

A folha que cobriu Adão

Foi uma folha de bananeira (bis)

E quando ela murchoou.

Que surpresa. Inesperada

A fauna se assustou

Com o que ela guardava.

É só casca a banana, de recheio não tem nada! (repete)

Terminado o canto e com Adão de costas para o público, tanto Eva (que cantou) como Lílith e A Cobra estão brincando à frente dele e se assustam. Ao lado **O Boca Maldita** inicia a narração que finda a primeira parte da história. Enquanto isso Deus entra na cena, e dando a mão a Eva manda sair Adão que é imediatamente agarrado por Lílith e A Cobra; sendo resgatado logo após por Eva que larga a mão de Deus, recusando-o.

Já prevendo o que poderia acontecer com Eva, e querendo não ter ninguém por perto quando a coisa esquentasse, (era o amor), o senhor resolveu expulsar apenas Adão, mas ela, solidária ao parceiro, preferiu acompanhá-lo. Deus enciumado ralhou: “-Vá pro inferno!”. (E ela foi!).

Ao final, Deus aponta para que **Eva** também saia. Ela então, demonstrando nem ligar para ele canta e dança toda radiante, falando a Adão no primeiro verso, à plateia no segundo, e à posteridade no terceiro.

Vou sim! E por que não?

Eu quero é rosetar, vadiar. Fornicação

Maldito seja o anjo que não entra no cordão

E o fogo do inferno não lhe aqueça o coração (bis)

Inferno é festa. Prazer ao léu!

De que me importa não ir pro céu

Inferno não é mal! É intriga da oposição!

Inferno é Carnaval. Muita farra e perdição

E deixa a pipoca pular

A banda não pode parar

Se eu não for buscar lenha, eu também quero brincar

Ainda cantando Eva sai do palco, e arrastando por ela Adão segue apontando para o Paraíso, Lílith e A Cobra que permanecem em cena acalmando Deus, agora muito nervoso e excomungando o casal.

FECHAM-SE AS CORTINAS C* / FIM DO PRIMEIRO ATO.



Pindorama

SEGUNDO ATO

Cenário 6 - O PINDORAMA AC**.

Uma bela mata com uma bananeira na qual está instalada uma rede.

No palco: Observado por Ceci e Peri que estão enamorados, deitado na rede O Boca maldita descasca uma banana. Ao lado os músicos/nativos: Saci, gorila, e a Luzia² (ainda jovem).

Cena 1

Terminando de comer a fruta O Boca Maldita levanta, joga fora a casca e, indo ao centro do palco, à plateia reinicia a narração, durante a qual, trajando roupas de deserto o casal entra de mãos dadas e espantado com a beleza do Pindorama.

Conta ainda essa mesma boca maldita que, após serem expulsos do Paraíso, Adão e Eva, perambulando pelo deserto, descobriram um verdadeiro oásis, onde se refugiaram e deram fim a sua marcha do exílio. Conforme relatos dos próprios andarilhos.

Terminada a fala O Boca Maldita, dando espaço ao casal que vem entrando, deixa a cena principal mas permanece em êxtase durante toda a música cantada por **Adão e Eva**, que vibram, se abraçam, e durante o canto se despem, ficando apenas com o traje do Paraíso.
- A folha do Adão agora é mínima.

Macacos me mordam
Mas não podemos negar
O doce sabor da banana
Depois da maçã se provar
O Paraíso deu tédio na gente
O Pindorama e tão diferente!
Aroma de prazer no ar
Tirei a roupa e fiquei por cá

Adão - Vi a Luzia² meu sangue ferveu

Eva - ~~Aí~~ pintou o clima entre o gorila e eu (repete)

No final da música o casal demonstra ciúmes pois ele gostou da Luzia e ela do gorila; e é **Adão** quem conta lembrando à plateia sobre os dois personagens citados ainda lá no céu pelo Boca Maldita
- No final, ao pronunciar "seus melhores detalhes" Adão volta a flertar com a Luzia.

Que conversa é essa? Muito simples! É que, no começo da história, quando Deus caiu no sono, “o outro personagem” até então nem figurante, (tanto é que não foi citado na bíblia), “obrou” por baixo do pano, copiando e turbinando a obra divina nos seus “melhores detalhes...”.

Adão é interrompido por **Eva**, que lhe tomando a frente, narra afrontosamente exaltando o Pindorama e dando bola para o gorila.

...E à surdina, criou o **Pindorama**, esse delicioso inferno tropical onde também, todos... “Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”...³ vivem felizes e contentes.

Então, para admiração de Adão e Eva O Boca Maldita retira sua capa e se revela como sendo: O Diabo. **Ceci e Peri** felizes com a surpresa cantam apresentando e enobrecendo o todo gabola: Diabo.

Paraíso e Pindorama

Deus tirou a pestana

O Diabo não descansou

No final de semana (bis)

Paraíso foi Deus que fez

Pindorama por sua vez

O Diabo fez na folia

Em três noites e três dias

Eva e Adão voltam a flertar com o gorila e a Luzia, e **O Diabo** Pendurando a capa e caçoando cinicamente de Deus pelo resultado das roupas criadas, narra se aproximando maliciosamente de Eva.

Já no Pindorama, os fatos acabaram por dar margem a dúvidas, sobre qual seria a verdadeira intenção do senhor ao vestir Eva com folhas tão singelas e decotadas como são as da parreira; que foram definhando caprichosamente, e acabaram por obrigá-la: primeiramente, a aderir ao **topless**. (Deus agora é fashion!)

Dando destaque ao “fashion” e fazendo ironicamente com as mãos um sinalzinho maldoso como se Deus fosse gay, **O Diabo** volta a acena principal e canta profetizando. Enquanto isso, Eva, fingindo-se desesperada fica segurando a parte de cima do biquíni e sendo adorada por Adão que se mostra um tarado feliz.

Deus profetizou:
As folhas não de secar!
Cada folha que secou
Fez Adão comemorar
Um modelito “10”
O verão no Pindorama
Eva desfilou o topless
Em Copacabana

Já sem a peça de cima Eva usa as mãos para tapar os seios, enquanto, para ciúmes de Adão que tenta a proteger, **Peri** toma a cena e narra observando-a tentadoramente e fingindo consolá-la.

E naquele calor de 40 graus, e conseqüentemente com todas as suas folhas secas, a “Coitadinha” da Eva teve que se submeter ao nudismo. Hi! Hi! Hi! Bem feito!

Após ouvir toda a fala, Ceci, enciumada e nervosa deixa o Palco enquanto Eva ameaça Peri por estar rindo dela. Mas, com as duas mãos ocupadas, Eva não tem como impedi-lo de ir juntar-se ao Diabo. **O Diabo e Peri** cantam se glorificando, enquanto ainda na cena principal, Eva fica a esbravejar e ameaçar os dois, e aos céus.

22

Diabo - **Depois de secar em cima
Secou embaixo também
E o diabo pôde ver
O que é que a Eva tem**

Peri - **(O Diabo e eu também!) (bis)**

Peri - **O coitado do diabo
Mocho, eunuco e operado
Mas diabo é diabo
E ele fez crescer o rabo
“Diabinho mais tarado!”.**

Terminada a música Eva tenta tapar as três partes, mas só tendo duas mãos, se entrega. Adão se aproxima tentando ver o máximo dela, que, admirada pelo Diabo, é espertamente abraçada e carregada por ele para fora do palco de onde **Ceci** logo retorna narrando e insinuando o que estaria fazendo os dois atrás das cortinas; consola Adão ao dar destaque ao “muitas etc.”; e enfatiza “maçã mulher”.

E a poeira subiu! Foi tanto bafafá, tititi, e lero-lero, com sua exposição na mídia, que o Diabo, muito velhaco,

aproveitou para “tirar uma casquinha”. Empresariar, etc. (Aliás! Muitas etc.!). E ainda, melhorando a obra divina criou a: Maçã mulher, primeira fruta da salada! (Era o diabo copiando moda!). De lá pra cá, é só descascar, e comer!

Para inveja de todos, cortejada pelo Diabo vem entrando Eva toda produzida. **Ceci** canta enciumada enquanto a novidade se apresenta para a plateia como se fosse um produto de consumo.

Eva fica muito mais bonita
Quanto mais pelada Eva fica
Quanto mais pelada Eva fica
Eva fica muito mais bonita (bis)
Se a moda pega. Como é que fica?
Com tantas EVas nesse lugar
Vamos voltar ao Paraíso
Se essa moda pegar (bis)

Finalizado o canto, seguidos pelos músicos/animais ainda tocando apenas a melodia, os dois casais vão saindo – O Diabo permanece no palco onde volta a se transformar no Boca Maldita antes de iniciar a próxima fala quando irá delatar o ciúme divino por Eva.

TROCA-SE O CENÁRIO.

Cenário 7 - O PARAÍSO DECADENTE. (Noite).

Num Paraíso com ares de Portugal vê-se a praia com a macieira suja, poluída, e cheia de camisinhas; e à esquerda o mar aberto.

No palco: O Boca Maldita que a partir de agora é muito malicioso, observou durante a troca a cena principal: Deus entrar com um projeto nas mãos e ficar caminhando de um lado para outro.

Cena 2

O Boca Maldita narra vendo Cabral entrar após o sinal de Deus, que gesticulando, mostra-lhe o projeto de um enorme transatlântico.

Foi aí que Deus, com um ciúme danado da talzinha e seduzido pelo Pindorama, numa última sacada e sem fazer licitação, na calada da noite mandou chamar “Cabral”. (Não teve nada de Noé!). E a ele ordenou que construísse

uma nau e... Blá, blá, blá. Blá, blá, blá, Como todos já sabem.

Cuioso O Boca Maldita tenta ver a planta, mas Cabral escondendo dele o projeto deixa o palco enquanto, trazendo Lílith e A Cobra os músicos/animais: **anu**, **perereca** e **macaca** entram tocando e tomam seus lugares ao lado. **Lílith, Deus e A Cobra** cantam. Elas em festa e ele brincando com a macaca. – Durante o canto Cabral volta trazendo uma canoa e é ovacionado pelas duas.

Lílith e a Cobra – **Seu Cabral**

Não fez a arca, mas fez a nau

Muito mais gostoso, muito mais legal

Cabral! Cabral! Cabral! (bis)

Deus – **Tanto o homem, como o animal**

Todos preferem a nau

Arca de Noé, ou, a nau de Cabral?

Lílith e a Cobra – **A nau! A nau! A nau!**

Fim do canto e todos vão se deitar. Cabral dentro do barco, e Lílith e A Cobra no chão. Deus, incentivado pelas duas arrasta para fora do palco a macaca, atraindo assim a atenção do Boca Maldita que os segue e espreitá-los – O Paraíso adormece.

APAGAM-SE AS LUZES.

Cena 3 – (Dia)

O **Boca Maldita** retorna narrando com ironia enquanto os outros no palco vão se levantando preguiçosamente. E, para espanto de todos: a macaca passa de camisolinha e ajeitando o cabelo toda feliz toma seu posto pouco antes de Deus, muito satisfeito, vir se espreguiçando, batendo no peito; e fingindo de bobo começar a xingar o Paraíso.

E ao acordar com a macaca! (Isso sim era o fim do mundo!) Deus excomungou o Paraíso, fez chover, e passou a régua. Num episódio que culminaria num grito que ouvimos muito de perto “Terra a vista!”...

Fugindo pela direita O Boca Maldita deixa o palco onde Deus está praticando a dança da chuva. E ela vem – **A Cobra e Lílith** cantam portando sombrinhas, brincando na chuva, e caçoando de Deus que, induzido por Cabral passa a vistoriar a canoa e embarca.

Deus perdeu a razão
Com tanta confusão
Chutou o balde resmungando um palavrão
E decretou: Liquidação
Adeus Caim. Adeus Abel
O mundo foi pro beleléu
Com o dilúvio. O fim do povo
Pra “Seu Cabral” começar tudo de novo (bis)

Temerosas A Cobra e Lílith vão para junto dos músicos/animais tentando convencê-los a embarcar, mas eles fogem delas. **Cabral** então, babando de louco, narra segurando um remo com o qual ameaça a todos enquanto resgata os fugitivos músicos animais que relutam, mas também sobem a bordo.

E então, aproveitando a cheia daquela tão fatídica e famosa enchente, com destino sabiamente definido embarcou o senhor ordenando que: por mares nunca dantes navegados, partisse a nau do Cabral com destino à História.

Já embarcados, todos aterrorizados veem Deus fazendo o sinal da cruz e tremendo de medo, dar ordem de partida à Cabral. Então **Todos Cantam** se segurando uns nos outros para não caírem do barco, e fazendo a tradicional despedida com lenços brancos. E em festa lá se vão os navegantes na nau que zarpa em direção ao cenário do mar aberto.

Cabral partiu de Portugal
Após o Deus embarcar naquela nau
Do Paraíso partiu Cabral (bis)
(Pro Pindorama partiu Cabral) (2ª do bis)

Vai Cabral...

Disse o senhor: “Animal com animal!”
Em alto mar navegando noite e dia
A bicharada caiu na patifaria
Quem era franga agora virou galinha
Quem desejar: coma o Bispo Sardinha
Um tal: veado, revelou aquele dom
E essa cobra toda suja de batom?

“-Cabral”?!!!

Jã em alto mar, desconfiados com a situação à bordo todos suspeitam de Cabral. Nisso retorna **O Boca Maldita** que, trajando roupa de mergulho e bóia de borracha, alcançando e ultrapassando o barco a nado, narra benzendo o mesmo e os seus tripulantes.

Por 40 dias e 40 noites singrou os mares aquela heroica embarcação. Em seu seio, homens e animais numa convivência promíscua, eram vítimas perfeitas para o escorbuto e suas mazelas, neste caso: o mal da **Cobra Louca**, febre que assolou a tripulação entregue aos caprichos do destino e à solidão do alto mar.

O Boca Maldita nada até deixar o palco pela esquerda, e **Deus** iniciar o canto no qual denuncia Cabral enquanto a nau navega pelo palco com seus tripulantes se protegendo dele e das "mazelas".

Se Tem-se batom na cobra

Batom do boca louca

Cobra que beija cobra?

E foi beijo na boca

Se a boca foi à cobra, ou...

Se a cobra foi à boca

Eu posso afirmar:

Quem atiçou a cobra, que é dono da obra.

Foi o batom na cobra que:

Deixou a cobra louca

A cobra foi tocada por...

Batom da sua boca

O barco com os navegantes sai do palco pela esquerda, mas permanece a música e o canto até o final da viagem, ou seja: pouco antes do início da preparação para a próxima cena.

TROCA-SE O CENÁRIO.

Cenário 9 - O PINDORAMA DC.**

A bela mata e a praia com a bananeira, a rede, e a capa do BM, tudo decorado para carnaval. À direita o mar aberto.

No palco: nus na praia, Adão, Eva, Ceci e Peri estão em festa com a canoa lotada que, após dar a volta por traz do palco e adquirir músicos/animais alegóricos, vem chegando pela direita, sendo observada também pelo Diabo e pelos músicos/Saci, gorila, e a Luzia (agora na versão esqueleto).

Cena 4

Tomando a cena principal **O Diabo** narra como um anfitrião enquanto os dois povos se saúdam de longe.

Assim, neste agora “bendito inferno” foram todos eles recebidos com farta comemoração, três dias de feriado nacional, e a invenção do carnaval com a realização da primeira edição do hoje já tradicionalíssimo e popular: grande baile do Pindorama, onde tudo e a todos é permitido. Tendo o mesmo decorrido na mais também já tradicional, “baderna”. Ou seja, a cobra fumou!

Ao pronunciar “baile do Pindorama”, os músicos na praia iniciam a música para o delírio dos nativos, e a surpresa de **Cabral** que inicia o canto com Gabor ainda dentro do barco, de onde, com exceção de Deus que fica em confronto com os músicos/animais alegóricos mostrando a farrá e procurando algo que não consegue encontrar; contagiados pela folia em terra todos os demais desembarcam e vão para a praia, sendo festivamente recebidos e ornamentados pelos outros com enfeites carnavalescos.

Terra a vista! É grande a confusão
Grande baile. E grande empolgação

A Eva peladinha
Adão ta peladão
Ceci todinha nua
Peri não tem calção

Olha a cobra, no meio do povão (repete)

A cobra corre solta
Sem discriminação
Na fritada dos ovos
Cabral passou a mão

Ao final da música todos veem Deus, ainda no barco e sem os músicos/animais alegóricos que foram jogados por ele ao mar, gesticulando nervoso e mostrando suas vestes. E enquanto **Ceci** faz a narração, A Cobra, Eva, e Lílith, correm ao barco e o desembarcam ainda muito irritado e esbravejando.

Dizem que Deus não quis ficar de fora do acontecimento, e ao som do Cordão do Éden, adentrou o recinto em suas vestes divinais, pois toda sua bagagem,

inclusive sua fantasia de demônio, fora extraviada pela companhia de viagem (isso era coisa do futuro!).

Ao final, Deus ainda gesticulando muito acaba de seguir com o trio para a folia iniciada por **Peri** que canta brincando com a sexualidade de Cabral, enquanto, puxados pela Cobra; Deus, Eva, Adão e Lílith, formando um cordão caem na festa – é um baile de carnaval. Todos devidamente fantasiados, inclusive Deus que encontra e fica brincando de vestir a capa do Boca Maldita.

Deus ta no baile com a cobra
Adão e Eva. E um dos filhos
Ele, Eva e Adão
Brincando neste salão
No cordão do Paraíso
Quem ele é? Só Deus irá saber
Se ele é o fulano, o beltrano ou você (bis)

Antes do fim da música Ceci e Peri deixam o palco onde todos os demais foliões continuam se divertindo ao ritmo da melodia que, como num baile, não é interrompida entre uma música e outra. E é neste clima que **Deus**, insistindo em não devolver a capa ao Diabo, veste-a incorporando O Boca Maldita, e dirigindo-se ao público ainda ao som do carnaval, abonando todos os acontecimentos faz a grande revelação e a apresentação da cena seguinte.

E foi assim! Nessa terra onde o seu verdadeiro dono só levou: Fumo. O que mais poderiam eles fazer a não ser aceitar e abdicar-se ao destino?

O Diabo ordena a troca da melodia. Na sequencia, para o deleite de todos e a admiração e ciúme de Eva, entra Peri vestido de malandro e trazendo **Ceci** na versão fruta, cantando e se exibindo para a plateia. – durante o canto Peri age como um cafetão.

Quem já levou dois palmos
Sabe o que estou dizendo
Que diferença faz um palmo a mais?
Que diferença faz um palmo a menos?
Sabe o prazer que dá
A fama desse veneno
Dele está sempre atrás
Vive sempre querendo

Em festa e ao som da contínua melodia abrem-se alas para O Diabo que resgata e veste sua capa, e como **O Boca Maldita** vai dirigir-se a Deus; diabolicamente se auto-proclamar; render homenagem à Cabral; e político, anunciar o gran-finale encerrando as narrativas.

Afinal, graças ao Descanso divino, a outras forças que para isso atuaram, e também ao português mais sacana de que se tem notícia, essa terra nunca mais foi a mesma, e seu futuro, em vista dos fatos aqui relatados, já se poderia prever... Valeu Cabral! Mas agora é outra história!

Todos cantando e brincando com Cabral, que, no segundo verso, vai sendo empurrado: hora para Deus, hora para O Diabo.

Deus criou o Paraíso
O Diabo fez o Pindorama
Cabral chegou muito depois
Eta cara sacana!
Levou o ouro e ninguém viu
E só deixou uma banana
Hei Cabral. Deus te crie
Não, não, não! Que o diabo te aproprie
“Seu Cabral”. Deus te leve
Sim, sim, sim! Pro diabo que o carregue

Os personagens despedindo-se ainda em festa e juntamente com os músicos/animais ainda tocando vão saindo acompanhados pelo fechamento das cortinas D e a finalização da melodia. - Em evidência apenas **O Boca Maldita** permanece no centro do palco.

APAGAM-SE AS LUZES.

Cenário 10 – O DESPERTAR DO SONHO.

Cortinas D: (véus brancos) ao fundo.

No palco: O Boca Maldita.

Cena 5

Luz no personagem - **O Boca Maldita** ao som dos acordes vindos de trás das cortinas, e agora saindo do estado de transe, canta: **A conquista do Pindorama**, enquanto num clássico strip-tease se descaracteriza.

E sob o céu azul anil
Aporta a nau, em segurança
Da mata verde, nu, o índio viu
Rezaram a missa. Encheram a pança
E depois disso, só farra e orgia
Samba e cachaça
E a índia entrou na dança

Já descaracterizado e ainda ao som da melodia, o ator retira-se do palco deixando no chão e sob o foco de luz, as vestes do Boca Maldita.

FECHAM-SE AS CORTINAS A*

E sendo recebido com grande folia e algazarra fora da cena pelos demais atores que entoam o canto da marcha, em festa voltam todos ao palco para a despedida.

FIM

agradecimento

Adaptado pelo GRUPO TEATRO OFICINA da cidade de Sousa – PB, este texto está em cartaz pelas ruas, praças, e palcos da Paraíba e demais estados do nordeste brasileiro.

A todo o pessoal do GTO, meus agradecimentos e... MERDA! MUITA MERDA MESMO!!!

Ronaldo Passos

AS 28 MARCHINHAS:

Parcerias com: ro/Richard de Oliveira + is/Irani dos Santos + os/Osmar de Souza.

(prólogo) O ócio – introdução à fofoca.

Valeu Cabral! – o resumo da história

Eva – o auge da criação

Nu Paraíso – a visão de Deus

Senhor bebem – o porre de Adão

O rei e a rã (ro/is) – o sonho do criador com a criatura

Sábado no Paraíso – dia de festa

Lilith – a fofoca

O encanto da cobra – a ausência de Deus

Antes da maçã – o Paraíso é multicolor

Pecado original – o inevitável

A cobra – a louvação ao prazer

Biquíni atrevido (os) – a adoração do pecado

Pelação – a punição do pecado

Pro inferno! – a indiferença

Marcha do exílio – a descoberta do prazer

Pindorama – o grande segredo

Topless – a Eva seminua

Folhas secas – a Eva nua

Maçã mulher – o sonho de consumo

Cabral – o confundido com Noé

O fim do mundo – realmente!

A nau do Cabral – a arca é uma lenda

Cobra louca – o diário de bordo

Baile do Pindorama – viva o novo mundo

Cordão do Éden – a presença de Deus

Fumo – a grande verdade

(epílogo) A conquista do Pindorama – o início do fim

OS 11 PERSONAGENS:

O NARRADOR – Gentleman, Louco / BOCA MALDITA –
Palhaço, curioso / DIABO, matreiro

DEUS – Pierrô, romântico.

ADÃO – Arlequim, tarado.

LÍLITH – Bruxa, sedutora.

EVA – Colombina, ingênuo.

A COBRA – Serpente, fingida.

CECI – Nega Maluca, meiga.

PERI – Índio, malandro.

CABRAL – Marinheiro, bobo.

AC*. (antes da Cobra) – O Paraíso monótono.

DC*. (depois da Cobra) – O Paraíso alegre.

AC** (antes de Cabral) – O Pindorama ardente.

DC** (depois de Cabral) – Só farra.

¹ Frase encontrada na internet, sem identificação de sua procedência ou autoria.

² Nome dado ao fóssil humano mais antigo das Américas encontrado em Santa Luzia, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte MG.

³ Citação da carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei de Portugal após o descobrimento da "Terra de Santa Cruz", hoje Brasil.

Cortinas A* (as originais do teatro).

Ronaldo Passos
ronaldopassos@yahoo.com.br
Oliveira MG. Agosto/2010 a Maio/2012

E depois do...

Pindorama

36

